

VINÍCIUS NEVES MARIANO

“Quem é pessimista não luta”

“Quem é pessimista não luta” – eis uma das contundentes afirmações do autor mineiro, radicado em São Paulo, Vinícius Neves Mariano, nesta entrevista. Inscrito no mundo do audiovisual, onde atua como roteirista, Vinícius estreia na literatura em 2015 com o romance *Empate*, que promove fricções entre a Segunda Guerra Mundial e as quatro linhas do campo de futebol. Sua consagração vem cinco anos mais tarde com o romance *Velhos demais para morrer*, cuja trajetória de sucesso surpreende o próprio autor. O livro foi laureado com o Prêmio Malê de Literatura em 2019 e figurou entre os cinco finalistas do Prêmio Jabuti em 2021. Através do edital “Minha Biblioteca de São Paulo”, o romance passou a integrar as bibliotecas públicas de escolas paulistanas, expandindo seu número de leitores. As negociações para a adaptação da obra para o universo audiovisual estão adiantadas, o que promoverá mais passarelas entre as verves do jovem escritor (“com muitos anos restantes”, como afirma o romance de 2020). Com *Nenhum futuro próximo*, livro de 18 contos postados no Instagram, o autor já havia tirado partido das interfaces entre literatura e mundo digital.

Esta entrevista foi realizada de maneira remota, via plataforma on-line, na manhã do dia 15 de maio de 2023. A conversa, de uma hora e meia de duração, foi transcrita de modo a

buscar manter a oralidade e o tom descontraído que marcaram o diálogo com esse autor extremamente receptivo. Ao longo da entrevista, Vinícius Neves Mariano contempla temas como a negritude, o quilombismo e a influência de Machado de Assis e de Eliana Alves Cruz em sua formação. O escritor ilumina, ainda, o contexto de criação de *Velhos demais para morrer*, discutindo sobre o gênero distópico, as personagens e as intrigas que o acompanharam ao longo dos quase quatro anos de escrita.

Velhos demais para morrer intercala três histórias, que pouco a pouco se imbricam: a do jovem publicitário de sucesso Daren, que se desencanta com o mundo da estética e dos cosméticos; a de Perdigueiro, menino que aprende a caçar velhos; e a de Piedade, ex-professora de história que foge da imposição da morte. A narrativa se passa em 2086, em uma sociedade autônoma hebeísta, que controla a imprensa (piscadela para 1984, de George Orwell) e promove o descarte dos mais velhos como política pública de bem-estar econômico e social. A passagem do tempo se torna uma ampulheta que prevê a validade dos personagens: tomam-se como limite os 65 anos e contam-se quantos anos restantes tem cada personagem. A velhice passa a ser uma inimiga, a ser mascarada nas ruas e nas publicidades. As festas de aniversário, como as conhecemos, são abolidas.

Na sociedade criada por Vinícius Neves Mariano, de modo extremamente provocativo, não há mais espaço para o convívio de diferentes gerações, e a prática do etarismo se impõe de modo mortal (e mortífero). O livro coloca em xeque os pilares desumanizadores do capitalismo, bem como o fim da história e da memória. Trata-se, igualmente, de um livro sobre

a perversidade humana, sobre humanos que caçam humanos, mas também sobre a importância da escuta, do afeto e da resistência em tempos tão duros. O livro foi publicado durante a pandemia da Covid-19, em 2020, e a sua recepção coincide com o expressivo número de mortes de brasileiros e com declarações governamentais de que a morte dos mais velhos é um sacrifício, uma espécie de pedágio, a ser enfrentado para o bem da saúde econômica do país.

Vanessa Massoni da Rocha e Luciely da Silva – *Como surgiram as ideias do título e do projeto gráfico de Velhos demais para morrer? O título pode ser lido como uma piscadela para a expressão “novo demais para morrer”, transferindo a comoção diante da morte na infância/juventude para a velhice?*

Vinícius Neves Mariano – O título não foi pensado antes da escrita do romance. Ele surge em uma passagem em que os personagens discutem sobre a inevitabilidade do tempo. Para os personagens, o tempo é o vilão da narrativa, e o único meio de vencê-lo é morrer jovem. Com relação à capa, ela foi desenvolvida pelo estúdio de designer Polar, que eu tinha contatado antes mesmo do prêmio Malê. Não queria que a capa antecipasse interpretações do livro. Não queria impor, de alguma forma, minha leitura. Acredito no trabalho coletivo. O estúdio interpretou que o livro era um manifesto e, assim, sugeriu que a capa fosse um cartaz desse manifesto, sem nome de autor nem logo da editora. Na capa, alguns *designs* de letras não se repetem, como na letra A. A ideia é que o personagem Perdigueiro, com seu canivete, lasca as le-

tras e por isso não há repetição. A responsável pela diagramação, Laise Comam, optou pela letra inicial dos capítulos bem grande, pesada, para veicular a ideia de um sistema que sufoca e amassa o que vem abaixo dele. Esses aspectos me encantaram muito.

Vanessa e Luciely – *Lemos no prefácio de João Alexandre Barbosa para a obra Memória e sociedade: lembranças de velhos, de Ecléa Bosi, que a tríade criança, idoso e mulher constitui pilares de vulnerabilidade na sociedade. No seu romance, essas três instâncias estão bastante representadas nos personagens principais. Como foi concebida a ênfase nessa tríade ao longo do processo de escrita do romance?*

Vinícius Neves Mariano – Uma vez li que “escrever é como você ser campeão mundial de natação e, quando você pula de novo na piscina, já esquece como se nada”. Meu processo de escrita foi dessa forma. Eu já tinha escrito meu primeiro romance, já vinha criando muitos projetos para o audiovisual, então vim para esse livro pensando que seria mais fácil. No entanto, foi um processo completamente diferente de outros que já tinha vivido. Eu tinha os aspectos que queria trabalhar e fui individualizando, fui criando os personagens para esses aspectos, mas não encontrava a relação entre esses personagens e não a encontrei por muito tempo. Foram muitas reescritas. Era uma sensação de que eu sabia que eles tinham algo em comum, mas não sabia o quê. Por muito tempo, por metade dos quatro anos de escrita, eu não conseguia essa resposta. Até que um dia essa resposta veio e do jeito mais engraçado, ela veio como uma obviedade, mas só veio depois do entendimento do tempo. Precisei esperar,

deixar o Daren viver, deixar o Perdigueiro viver, deixar a Piedade viver, para eu entender o que eles estavam vivendo. Só depois disso, encontrei a conexão entre eles. Isso foi um processo muito, muito diferente, mas muito satisfatório.

Vanessa e Luciely – *E começou com quem? Você lembra qual foi o primeiro personagem?*

Vinícius Neves Mariano – Enquanto ainda era um rascunho, a ideia girava em torno de uma sociedade que matava idosos para ter reequilíbrio econômico. Então, começa pela história do Perdigueiro, mas, quando inicio a escrita, privilegio Daren, pois ele tem o conflito dele e tem também a função de apresentar o universo. Ele começa na casa de *Felix Mortem* compondo um contexto muito abrangente do que é aquele mundo.

Vanessa e Luciely – *Não havia interesse de pensar nisso pela perspectiva da criança, da mulher?*

Vinícius Neves Mariano – Eu não pensei diretamente “quero escrever um personagem criança, quero escrever um personagem mulher”, mas todos os personagens nessa história são negros: uma mulher, uma criança, idosos... Era natural que a intriga comportasse essas figuras, porque é uma ideia que passa por quem está vulnerável na sociedade em que a gente vive.

Vanessa e Luciely – *Sabemos que os debates sobre a velhice e a vulnerabilidade dos mais idosos se avolumaram ao longo da pandemia*

de Covid-19 (2020-2023). No entanto, considerando que a escrita de Velhos demais para morrer foi anterior a esse período, como e de onde surge o interesse de um escritor “com tantos anos restantes” em contemplar essa temática na sua produção literária? Como você avalia o caráter visionário que o livro adquiriu?

Vinícius Neves Mariano – Eu lembro que uma das primeiras imagens que me instigaram a criar essa história foi quando passei em frente a uma clínica de procedimentos estéticos e tinha um banner horizontal com uma foto de três mulheres como se fossem avó, mãe e filha. Todas exatamente iguais. Todas de biquíni, com o mesmo corpo modelado. E esta foi uma das primeiras coisas que falei: “Caramba, a gente não está entendendo, a gente não está lidando bem com isso”. Se eu passo a vida inteira buscando essa juventude corporal, não estou aceitando um monte de coisa. Acho que consegui captar essa demanda de discussão. Eu não tinha o desejo de escrever uma distopia. Meu desejo era escrever sobre o tema e, pensando a intriga, entendi que esse gênero seria o que melhor cumpriria a história que eu queria contar. Com relação à trajetória do livro, ele foi lançado em dezembro de 2020 [poucos meses antes de a Organização Mundial de Saúde declarar a pandemia do coronavírus, em 11 de março de 2021]. Conforme as pessoas iam lendo, algumas me perguntavam: “Nossa, mas como você conseguiu prever tudo isso?”. E eu falava: “Gente, óbvio que não previ nada, esse não é um assunto novo”. Acredito que o que a pandemia fez foi deixar aflorar essa questão de etarismo, para deixar morrer os idosos, principalmente naquele início da pandemia no Brasil. Mas essa é uma política que as sociedades já desenvol-

vem há um bom tempo. Tanto que eu pude pesquisar sobre isso. Por exemplo, pude pesquisar sobre uma série de suicídios de idosos que ocorreram no Chile quando houve a mudança da Constituição do país. Definitivamente, a escrita do livro não foi por conta da pandemia. É um assunto antigo. Agora, por que esse assunto me interessa, não sei dizer. É algo que me interessa desde muito cedo. Gosto muito de escutar histórias, desde muito criança. Me lembro sempre de estar perto de pessoas mais velhas, sempre sentado com meus avós, na cozinha da casa deles, e ouvindo, ouvindo, ouvindo... Sou de uma cidade pequena, muita gente se conhece, então sempre acompanhei meu pai, minha mãe, meus avós nessas conversas com pessoas mais velhas que eles conheciam desde quando eram mais jovens, e sempre me interessei por isso. Quando já mais velho, eu queria escrever histórias, sempre andava com um caderninho e, na casa da minha avó, ficava o tempo todo coletando histórias deles. Não sei explicar exatamente de onde vem essa vontade, mas é um assunto que sempre esteve comigo. Essa ligação com a velhice sempre esteve comigo.

Vanessa e Luciely – *De que maneira a perspectiva distópica torna possível a narrativa de Velhos demais para morrer?*

Vinícius Neves Mariano – Entendi, a partir de minha pesquisa, que quase todas as distopias têm uma estrutura de vilania muito parecida. Não lembro de alguma que li que não tenha isso. A vilania da distopia é baseada no nazismo na Europa. Você tem uma figura ou um grupo de pessoas que cria essa estrutura do mal e acaba com a sociedade, na qual há um grupo que resiste. A história geralmente

é desse grupo ou de um indivíduo desse grupo que consegue derrubar esse mal. Ou, mesmo não conseguindo, enfrenta aquelas pessoas ou aqueles grupos que criaram essa sociedade dessa forma. Eu não queria seguir isso de maneira nenhuma, então precisei buscar outro arquétipo, e o arquétipo que escolhi para isso foi o da escravidão, que é muito diferente daquele do nazismo. A escravidão é um sistema, uma instituição que permeia todos os aspectos da sociedade de uma forma muito específica, ela não é criada por uma única pessoa. A sociedade, as instituições estão contaminadas pela ideia da escravidão. Não tem como o herói, vamos supor, matar uma pessoa como em outras distopias e ponto final. A questão racial no Brasil não é assim. Eu quis usar esse arquétipo para criar a questão dos velhos nesse livro. Isso passa também pelo entendimento da velhice em outras sociedades que não as europeias. A sociedade europeia trata o idoso como um ser que vai se infantilizando. Em sociedades africanas, o idoso está muito longe de ser infantilizado, ele não se aproxima de forma alguma de uma criança. O idoso é a pessoa mais sábia daquela sociedade justamente porque ele viveu e experienciou a vida. Ele pode olhar para uma questão da sociedade, uma questão familiar ou que alguém traz para ele e vai apreciá-la a partir de todos os anos de vida que ele tem. Isso está muito longe da infantilização que o Ocidente impõe aos idosos.

Vanessa e Luciely – *Na dedicatória do romance, você já tinha associado sua família à possibilidade de ouvir o tempo...*

Vinícius Neves Mariano – Ouvir o tempo, acho, tem relação com uma dificuldade racional de compreender o que a vida traz

para a gente. Ouvir o tempo vem da necessidade de, ao invés de tentar racionalizar e julgar tudo, dar o devido tempo para as coisas e a vida se revelarem. E talvez até se crie o interesse em ouvir, escutar quem veio antes, né? Ouvir, pela “visão” de quem está ouvindo o tempo há mais tempo.

Vanessa e Luciely – *Recentemente, o escritor Jeferson Tenório chamou a atenção para a importância de um lugar de escuta no âmbito artístico em sua coluna na Revista GZH de 22 de março de 2023. Velhos demais para morrer se inicia com discursos mórbidos na reunião de Felix Mortem e se tece, por exemplo, a partir de passagens de escuta na escrita diarística de Piedade e no encontro do Perdigueiro com o idoso no paiol. Para você, Velhos demais para morrer estaria na contramão de uma sociedade capitalista onde se pulveriza o lugar de escuta?*

Vinícius Neves Mariano – Uma vez que eu sabia as questões, comecei a individualizá-las para os personagens. Sabia que a função do Daren seria a de apresentação, que a questão dele era uma percepção de que estava envelhecendo e, a partir daí, ele não teria mais lugar nessa sociedade. Quando fui para o Perdigueiro, a única coisa que eu sabia é que ele iria se transformar ouvindo um idoso. Eu tinha como referência um pouco das *Mil e uma noites* e a máxima de que a história que conquista liberta. Minha ideia era trazer para o idoso o entendimento de que, enquanto ele contava uma história, ele lia o Perdigueiro. Ao mesmo tempo que ele está contando uma história, também está lendo o Perdigueiro, por isso vem o entendimento dele da

falta da mãe do Perdigueiro no final da intriga, quando eles conseguem se entender. Já na casa *Felix Mortem*, há uma questão da não escuta, parece mais com o que eu vejo recorrentemente hoje em dia. Um lugar em que você ouve, mas não escuta, você não compreende. Você ouve o que está acostumado, mas não questiona. As duas famílias que estão na cerimônia inicial não percebem a gravidade do que está sendo falado.

Vanessa e Luciely – *Você escreve uma distopia em que uma personagem tem o mesmo nome de sua mãe, Piedade. Você revela essa informação na dedicatória do livro. Uma distopia com dados autobiográficos. Você é o Daren [risos]? Qual jogo você propõe?*

Vinícius Neves Mariano – Não sou o Daren [risos]. Minha mãe tem uma história de vida muito dura, uma mulher brilhante que é referência para mim. Queria isso para uma personagem audaciosa como a Piedade, que não aceita o mundo como ele é. Precisava de uma referência muito forte e tinha essa referência muito perto de mim. Assim, foi natural dar o nome dela à personagem.

Vanessa e Luciely – *Quão longe você considera que estejamos da sociedade descrita em sua obra?*

Vinícius Neves Mariano – Durante a pandemia, por algumas vezes, me marcaram em *posts* do Paulo Guedes [Ministro da Economia do governo de Jair Messias Bolsonaro, 2019-2022]. As pessoas mandavam mensagem dizendo: “Ele está falando do seu livro”. Eu ficava completamente assustado. Ouvi atroci-

dades que ele tinha falado e que eram totalmente correspondentes a questões do livro. *Velhos demais para morrer* não fala só da questão da velhice; abarca infinitos aspectos individuais, pessoais, humanos. Acho que toda distopia, na verdade, é um disfarce de futuro do que a gente está vivendo. O meu propósito sempre foi este: disfarçar de futuro os aspectos para os quais eu mais queria chamar a atenção. Já estamos vivendo esse livro, ele só está disfarçado de futuro.

Vanessa e Luciely – *Quem seria o grande vilão da narrativa: o tempo, os amores líquidos, o capitalismo ...?*

Vinícius Neves Mariano – Como falei, envelhecer perpassa muitos aspectos da sociedade. O tema da produção foi um segundo aspecto a sobressair na leitura de muita gente. Lembro que as primeiras leituras ficaram muito centradas na eliminação dos idosos, até porque a pandemia apresentava aqueles números muito altos de vítimas fatais e, num segundo momento, começou-se a discutir a cadeia de produção. E, ao mesmo tempo, passou-se a discutir a produção também por causa da pandemia. Ela trouxe uma luz para esse lugar. De novo, pergunto: foi na pandemia? Não, não foi na pandemia. Hoje já está declarado que a pandemia acabou e a questão da produção continua. A gente começou a produzir muito mais na pandemia, quem não produzia era descartado e assim por diante. Então, acredito que exista um aspecto da vilania nessa questão do capitalismo. Tudo começa porque o idoso entra numa faixa em que ele não é mais produtivo dentro da concepção dessa sociedade.

Vanessa e Luciely – *Em determinada cena do livro, você chama a atenção para o fato de que, na sociedade hebeísta, não há racismo para além do racismo etário. Você prescinde de uma interseccionalidade de opressões que, sabemos, não seriam facilmente superadas.*

Vinícius Neves Mariano – Essa cena ocorre com Piedade, com muita ironia. Não à toa quem está fugindo é negro, quem resiste é negro. Eu não quis me aprofundar na questão da negritude, mas não pude deixar de dar uma piscadela para lembrar que o mundo ainda é como o nosso. É importante trazer essas questões na correnteza.

Vanessa e Luciely – *A primeira sociedade por onde passa Piedade e a sociedade da mina são quilombos...*

Vinícius Neves Mariano – Exatamente. O livro foi escolhido para ser lido em alguns grupos de leitura e existem leituras e perguntas que são formuladas somente em grupos majoritariamente negros. O entendimento do quilombo e a formação da Piedade são aspectos que são valorizados apenas por grupos majoritariamente negros. Para mim a questão do quilombismo na obra é nítida tanto na composição quanto no mapa da sociedade da mina. Elaborei mapas para todos os cenários do livro. A sociedade da mina é uma tentativa de atualização de mapas de quilombos aos quais tive acesso na escrita do livro.

Vanessa e Luciely – *Em dado momento da narrativa, há menção a diversas autoras negras e como estas foram responsáveis por ajudar*

Piedade a encontrar um lugar no mundo, porém O sol é para todos, de Harper Lee, foi o livro escolhido como refúgio pela personagem. Como essa obra se insere na produção e no processo de escrita de Velhos demais para morrer e qual é a importância de um inventário de escritoras negras na obra?

Vinícius Neves Mariano – Piedade sabe muito bem como o mundo chegou até aqui, uma professora de História (uma matéria que não existe mais), uma pessoa que guarda memórias em um mundo onde as pessoas as estão perdendo. Falando de pessoas negras, é muito difícil que essa formação tenha vindo da escola, da universidade, de uma educação formal. Esse entendimento enquanto essência – não estou falando do conhecimento técnico – não veio de nenhuma instituição, porque a gente sabe que não é assim que funciona no Brasil. Como falei, o livro foi criado usando o arquétipo da escravidão, esse arquétipo que a gente vive diariamente. A Piedade precisou se formar por outros caminhos, como eu mesmo precisei me formar nessa questão racial por outros caminhos. Era quase inevitável fazer o inventário das escritoras negras, mas também era algo que eu queria fazer como um agradecimento a todas elas. E a escolha do livro da Harper Lee, que não é uma autora negra, se deu pela questão do livro, pela forma do livro e por uma conexão imaginada com a Piedade mais nova, jovem como a personagem Jean Louise, que entende a questão racial por causa do trabalho do pai. Por isso ela deseja levar esse livro em sua fuga, para ela se agarrar a esse entendimento, a esse compreender o mundo enquanto jovem, criança. Na minha cabeça deve ter sido o primeiro contato que ela teve com esse universo da negritude.

Vanessa e Luciely – *Vemos ao fundo da tela uma foto de Machado de Assis na sua estante de livros, que parece, por sinal, um altar. Machado é um escritor que te mobiliza?*

Vinícius Neves Mariano – É um altar [risos]. Machado foi muito criticado, por exemplo, por não tratar da questão negra no Brasil sendo um homem negro, por ele nunca ter falado sobre a escravidão no Brasil. Isso obviamente faz parte de um processo de embranquecimento dele, que é tido como o maior escritor da história do Brasil. Em *Memorial de Aires*, por exemplo, o personagem chega à casa de uma família burguesa depois da festa da abolição e o casal está muito feliz, extremamente radiante. O personagem pensa: “Poxa, que bom que essa questão toca toda a sociedade”, e aí ele descobre que não, que a família tinha recebido uma carta de um afilhado que tinha ido para a Europa dizendo que estava tudo bem. O Aires coloca ali, não lembro exatamente as palavras, que uma alegria social nunca vai ser maior do que um interesse individual. Machado tem essa questão da força, da corrente embaixo da superfície, que é muito densa. Essa superfície atrai muita gente para ela e ele joga todo mundo que está atraído para essa correnteza. Isso eu admiro muito nele. Essa capacidade em específico me toca.

Vanessa e Luciely – *Se tivesse uma mulher do lado dele no altar, você tem noção de quem seria?*

Vinícius Neves Mariano – Muitas, mas posso citar Eliana Alves Cruz, por quem sou completamente apaixonado. Quase dei

um chilique na FLIP [Feira Literária Internacional de Paraty] no ano passado, porque fui falar na casa da Malê e ela também estava lá. Fiquei completamente desnorteadado, foi maravilhoso. Poderia citar muitas outras escritoras, mas Eliana é aquela cujos livros eu compro e leio já na expectativa do próximo lançamento.

Vanessa e Luciely – *Durante a leitura de Velhos demais para morrer, percebemos muitas semelhanças com a escrita de Conceição Evaristo, principalmente a meticulosidade e a precisão com as palavras.*

Vinícius Neves Mariano – Fico honrado de vocês falarem isso. O mais recente livro da Conceição, *Canção para ninar menino grande*, eu acho de uma coragem... Hoje as pautas são muito dadas pelas redes sociais, pela internet, o que acredito que tenha um lado bom e um lado ruim. O lado bom é que as pautas se popularizam muito rápido, porém elas acabam limitadas a uma superficialidade muito grande. O que falo da coragem desse livro da Conceição, que eu admiro tanto, é que hoje a pauta da solidão da mulher negra é muito forte, tem uma demanda totalmente verdadeira e que precisa ser discutida, está sendo discutida, e a Conceição, no meio dessa discussão, escreve um livro em que vai olhar para o vazio do homem negro. Essa coragem de ir um passo além é o que eu admiro demais na Conceição, porque ela poderia ter continuado nessa toada, mas ela foi adiante.

Vanessa e Luciely – *Nas linhas iniciais de Velhos demais para morrer, lê-se: “Esta é uma história triste”. Contudo, o trecho final da obra acena para um elogio à fuga enquanto possibilidade de cortar as*

normativas do sistema. Na narrativa, como se estabelecem as dualidades entre o pessimismo e o otimismo?

Vinícius Neves Mariano – As personagens terminam lutando, então não sei dizer se o pessimismo do início da narrativa se mantém. Entendo quem diz que é um livro pessimista, mas também entendo quem vê de outra forma. Perdigueiro, o menino violentado de diversas formas, foge rompendo um círculo vicioso. Daren tira suas vendas para o mundo, entende seus privilégios e está disposto a perder tudo. Na minha visão, quem é pessimista não luta.

Vanessa e Luciely – *Como o livro vem sendo recebido pela crítica?*

Vinícius Neves Mariano – Apresentei esse livro para muitas editoras e me lembro que, quando eu tinha resposta, era esta: “Ah, a gente está procurando mais livros de *youtubers*, influenciadores, ou livros mais voltados para adolescentes”. Acabei conquistando o Prêmio Malê de Literatura em 2019, depois o livro ficou entre os cinco finalistas do Jabuti em 2021 e, depois disso, veio o edital “Minha Biblioteca de São Paulo”, através do qual ele vai estar nas bibliotecas públicas de escolas... Esse livro só me dá alegrias.